

## ATIVIDADES DE AVENTURA COM CRIANÇAS BEM PEQUENAS NO ESPAÇO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Sandra Fagionato-Ruffino<sup>1, x</sup>, Marcia Maria de Mello<sup>1</sup>, Giulia Fagionato Ruffino<sup>2</sup>  
(<sup>1</sup>CEMEI Deputado Vicente Botta- Prefeitura Municipal de São Carlos, Rua Otto Werner, 40, Jardim Ipanema, São Carlos, SP, 13563-673, Brasil; <sup>2</sup>Universidade Federal de Uberlândia/UFU, Rua Maria das Dores Dias 850, Uberlândia, MG, Brasil; Autor de correspondência: <sup>x</sup>sandra.ruffino@professor.saocarlos.sp.gov.br)

### RESUMO

Este trabalho descreve uma experiência com atividades de aventura realizada com crianças de 2 anos e 9 meses a 3 anos e 8 meses de idade de um Centro Municipal de Educação Infantil da cidade de São Carlos, vivenciando as modalidades: *skate*, *rafting*, *trekking* e escalada, com equipamentos reais e adaptados, tendo o lúdico como pano de fundo para as vivências e um livro infantil como motivador para as práticas. Vídeos do *Youtube* com cenas de cada uma das modalidades foram utilizados para apresentar as práticas, seus equipamentos e vivências. A experiência demonstrou ser pertinente para a ampliação do repertório cultural e linguístico das crianças, bem como para a promoção do autocontrole, coragem, aumento da autoestima e superação de desafios.

**Palavras-chave:** Atividades de Aventura; Educação Infantil; Crianças bem pequenas.

### INTRODUÇÃO

O crescimento das práticas de aventura no Brasil é citado por Armbrust e Lauro (2010), destacando o surgimento de novas atividades (e terminologias), o aumento de praticantes, bem como de cursos, oficinas e palestras sobre a temática, o aumento do mercado consumidor de produtos de aventura, além da aplicação em atividades educacionais e de formação de cidadãos. Tahara e Carcinelli Filho (2013) defendem que até a década de 1990 as atividades de aventura estavam “restritas” aos seus poucos praticantes e “mínima” exposição nas mídias. Os mesmos acreditam que é no início dos anos 2000 que esse crescimento se inicia, junto a exposição midiática e aumento das pesquisas científicas acerca do tema. Em 2018, é inserida como conteúdo da educação física na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), para os anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano).

Apesar do crescimento das atividades de aventura, ganho de visibilidade e aumento das pesquisas científicas, na grande área das práticas corporais ainda há bastante discussão acerca da terminologia utilizada para as práticas de aventura: esportes radicais, atividades físicas de aventura na natureza e esportes na natureza, não havendo ainda um consenso (PIMENTEL, 2013). As AA podem ser praticadas em ambientes naturais como rios, mares, montanhas e/ou ambientes urbanos e privados como as ruas, os muros e calçadas, academias. São exemplos de AA: rapel, escalada, corrida de orientação, tirolesa, *parkour*, *skate*, patins, *surf*, *trekking*, *rafting* (GONÇALVES et al, 2020; BRASIL, 2018).

Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), tais práticas são chamadas de “práticas corporais de aventura” (BRASIL, 2018) e estão presentes na área de linguagens no campo da Educação Física. Essas práticas corporais de aventura compõem o escopo dos anos finais do Ensino Fundamental, sendo divididos em práticas corporais de aventuras urbanas, para o 6º e 7º anos, e práticas corporais de aventuras na natureza para o 8º e 9º anos.

Neste trabalho, apresentamos uma experiência realizada com crianças bem pequenas da Educação Infantil.

Mas, por que inserir as Práticas de Aventura na Educação Infantil se na BNCC ela é indicada

para os anos finais do Ensino Fundamental?

A atividade de aventura (AA) é caracterizada pela imprevisibilidade, pela vertigem, pelo risco e adrenalina (BRASIL, 2018), sensações estas que vivenciamos a todo tempo no cuidado das crianças e que observamos em seus comportamentos, desafiando-se e desafiando-nos, a todo momento, e cada vez mais no sentido de buscar novos movimentos: vencer barreiras físicas, subir nas grades, nas mesas, nos pneus do parque. Na educação Infantil, as atividades corporais estão inseridas no campo de experiências “Corpo, gestos e movimentos” e as atividades de aventura tem grande potencial para o desenvolvimento destes e de outros objetivos de aprendizagens para a idade com a qual trabalhamos (crianças de 2 anos e 9 meses a 3 anos e 8 meses de idade), a saber: apropriar-se de gestos e movimentos de sua cultura no cuidado de si e nos jogos e brincadeiras; deslocar seu corpo no espaço, orientando-se por noções como em frente, atrás, no alto, embaixo, dentro, fora em brincadeiras e atividades de diferentes naturezas; explorar formas de deslocamento no espaço combinando movimentos e seguindo orientações; demonstrar atitudes de independência no cuidado do seu corpo e das demais crianças, demonstrar imagem positiva de si e confiança em sua capacidade para enfrentar dificuldades e desafios.

Neste sentido, este trabalho tem o objetivo de relatar uma experiência com a temática Atividades de Aventura na educação infantil, e, descrevendo as falas e ações das crianças, refletir sobre a viabilidade das estratégias utilizadas.

## METODOLOGIA

Este trabalho trata-se de um relato descritivo/reflexivo de uma sequência de vivências elaboradas e conduzidas pelos autores no segundo semestre do ano de 2023. Foi realizada em um Centro Municipal de Educação Infantil da cidade de São Carlos, no segundo semestre do ano de 2023, com duração de quatro semanas. Contou com a participação em média de 22 crianças de com idade entre 2 anos e 9 meses a 3 anos e 8 meses de idade. As vivências foram aplicadas e registradas por duas de nós, que somos as professoras das crianças. O registro das vivências foi feito por meio de fotografias, filmagens e anotações no caderno de registros das professoras.

Foram trabalhadas as modalidades *skate*, *rafting*, *trekking* e escalada, às quais dispúnhamos de material que poderiam ser utilizados ou adaptados.

A cada semana foi trabalhada uma prática: inicialmente as professoras apresentavam às crianças vídeos do *youtube* sobre as AA e, a partir das percepções das próprias crianças, conversavam com elas sobre os ambientes, os movimentos, os equipamentos. Nos dias subsequentes, além dos vídeos, propunham vivências corporais e artísticas com a temática, com a finalidade de ampliação do repertório vocabular, cultural e corporal. O tempo de duração de cada vivência era variado, seguindo o interesse das crianças.

Ao final do trabalho, foi realizada a visita a um sítio onde as crianças puderam vivenciar o *trekking* e o *rafting*.

## DESCRIÇÃO DAS VIVÊNCIAS

A experiência teve início com a leitura do livro “Onde está a ovelha verde?”<sup>22</sup>. A história apresenta ovelhas realizando diversas atividades de lazer (nadar, pescar, tomar banho de banheira, tocar instrumentos, fazer malabares e acrobacias, surfar, soltar pipa e brincar no tanque de areia, entre outras tantas), sempre motivada pelo questionamento: “Onde está a

<sup>22</sup> Fox, Mem. **Onde está a ovelha verde?**. Trad. Janice Florido. 1. ed. Campinas, SP: Saber e Ler, 2017. 32p.

ovelha verde?”. Ao final da história, a ovelha verde aparece “dormindo tranquilamente” atrás de uma moita.

A história foi lida diariamente para as crianças e ao final de cada leitura era solicitado que dissessem o que se lembravam que as ovelhas faziam, que ações acharam mais interessante, e em uma destas conversas, uma das crianças perguntou: E o que a ovelha verde fez? Ao lançar a pergunta de volta ela respondeu que achava que a ovelha tinha brincado muito. Seguimos então questionando a todas elas: “O que será que a ovelha verde fez para ficar tão cansada?”. E as respostas foram: “Brincou muito”; “Brincou muito de menina”; “brincou de malabares”, “andou de bicicleta”, “tocou instrumentos”, “soltou pipa”.

Para descobrir a resposta, professoras, junto das crianças, elaboraram uma carta questionando a própria ovelha verde. A carta resposta explicava que ela estava cansada porque participou de algumas atividades de aventura e questionava às crianças sobre seu interesse em participar de tais atividades.

Motivadas pela temática e por conhecer e estar com a ovelha verde, a prática com as atividades de aventura teve início.

### 1. Skate

Para as crianças conhecerem a prática do *skate*, apresentamos a elas vídeos de competições da skatista Rayssa Leal. Lorena<sup>23</sup> ficou encantada com ela e logo de cara, disse: Que linda, Sandra!

Ao serem questionadas sobre o que ela tinha na cabeça e para que servia, Marcela respondeu que era um capacete e que servia para não cair. Explicamos a importância do capacete para evitar machucar a cabeça. Lorena perguntou se ela ia cair e quando isso aconteceu aproveitamos para retomar a importância do capacete e para dizer que cai mesmo, mas que a gente se levanta e continua, assim como quando eles brincam. Depois disso, Arthur dizia: “Vai cair, vai cair, vai cair!” e Lorena o repreendia: “Não vai!”. Nem sempre, nos vídeos, Rayssa aparecia de capacete e isso era observado por algumas crianças.

Julia e Marcela levaram seus capacetes, que usam na bicicleta, para os colegas conhecerem; as crianças manusearam os capacetes e experimentaram em suas cabeças. Julia e Marcela explicavam para ter cuidado no momento de fechar para não prender a pele. Ao perguntar sobre a função do capacete, Julia e Marcela explicavam que era para não cair. Aproveitamos a experiência para explicar que o capacete protegia a cabeça nos casos de queda.

A visita da ovelha verde aconteceu na primeira vivência direta das crianças com o skate. Era uma visita muito esperada. As crianças estavam ansiosas, perguntavam se tínhamos enviado a carta, se a ovelha ia chegar, que horas chegaria. Deixamos em suspense, sem combinar o dia e ela chegou de surpresa, em cima de um skate, no pátio da escola onde as crianças brincavam após o almoço. O primeiro a ver foi Leonardo: ficava apontando com o dedo, feliz e dizendo algo que não compreendemos (ele ainda não fala fluentemente). Aos poucos as crianças foram entendendo quem era. Chegaram perto, abraçaram-na e, depois de uma breve conversa, começamos a explorar os *skates*: com a ajuda das adultas, de mãos dadas, as crianças fizeram suas manobras. Uma marca de pés foi desenhada no *skate* para facilitar este primeiro contato porque as crianças tendiam a ficar com os pés juntos.

---

<sup>23</sup> Optamos por utilizar os nomes verdadeiros das crianças por entender que as informações descritas não oferecem riscos e constrangimentos a elas e que o uso do nome valoriza sua condição de sujeito e identidade. Consideramos ainda que elas podem, um dia, “se ler” e se reconhecer, o que é coerente com a concepção de infância que acreditamos. Temos autorização dos responsáveis para uso de imagem das crianças em divulgação dos trabalhos e em eventos técnicos-científicos.



Figura SEQ Figura  
\* ARABIC 1.  
Explorando o skate

Aos poucos as mãos eram soltas e com pequenos empurrões nos *skates* as crianças “andavam sozinhas”. Estimulávamos que abrissem os braços e as pernas e, em algumas crianças, percebemos a atitude de flexionar um pouco o joelho. Depois dessa primeira exploração, as crianças começaram, por conta própria, a usar o *skate* sozinhas, porém deitadas ou sentadas; aliás, esta foi a forma que as crianças desejavam explorar, talvez porque assim eram autônomas no seu uso. O *skate* foi oferecido às crianças em outros dias em momentos de atividade livre. Julia, se arriscou a subir sozinha. Giovanni não quis experimentar o *skate* nenhuma vez. Em brincadeira livre, Arthur pegou um jacaré de rodinhas e o transformou em *skate*; usou também um capacete de obras. Tentou andar, desistiu e foi para outra brincadeira.

## 2. Rafting

A segunda AA selecionada para o trabalho foi o *rafting*. Continuamos explorando o livro: Onde está a Ovelha verde?, a carta da Ovelha Verde e apresentamos vídeos sobre o *rafting*. Nas falas e expressões das crianças, percebemos preocupações e sensações como medo, alegria, euforia; por várias vezes viram botes virarem e enquanto assistiam, em determinados momentos, diziam: “vai virar!”. Em certa situação Isadora falou que estavam remando, e aproveitamos para conversar sobre o remo. Algumas crianças falaram também da cachoeira e Marcela relatou uma visita à cachoeira com o pai.

Em outro dia, apresentamos um vídeo em que o instrutor de *rafting* explicava sobre os equipamentos de segurança: capacete e colete salva-vidas e aproveitamos para identificar o que compreenderam. Giovanni disse que o colete servia para nadar e quanto ao capacete, diziam que era para não cair. Em um dos vídeos elas puderam perceber uma pessoa flutuando na água e chamamos atenção para a função do colete.

Foram apresentados vídeos de crianças fazendo *rafting* e passamos a chamar atenção para os equipamentos: remos, capacete, bote, colete, caiaque. Ao serem questionadas se queriam fazer essa aventura com a ovelha verde, as opiniões se dividiram. Lorena disse que não; Giovanni disse que tinha medo e que não queria bater a cabeça na pedra (em alguma conversa sobre os capacetes, dissemos que era para proteger a cabeça das pedras). Arthur e Davi, logo disseram que sim e aos poucos, todos diziam que queriam.

No mesmo dia à primeira abordagem, no parque, Giovanni pegou um brinquedo que se assemelhava a um barco e disse: “Olha Sandra, o Barco virou e as crianças bateram a cabeça na pedra!”. Lorena pegou um pote e colocou na cabeça; disse que ia fazer *rafting*; outras crianças a acompanharam, sentando-se em um tatame. Lorena virava para trás com as pernas para cima e dizia, caí! Um cavalo tipo gangorra também foi usado como bote (ou caiaque) e Giovanni caía repetidas vezes dele. Cair do bote era sempre uma ação com alegria e nunca sofrimento ou dor. Ao longo das semanas o *rafting* passou a fazer parte da brincadeira de algumas crianças e o termo bote, aos poucos, passou a ser utilizado em substituição a barco.

Para ampliar as vivências das crianças com a atividade, foram confeccionados remos. As “pás” dos remos foram feitas pelas professoras utilizando papelão de caixas descartadas e pintadas com pincel e tinta guache pelas crianças. As famílias enviaram cabos de vassoura que foram cortados e posteriormente fixados às pás. Terminada a confecção dos remos, brincamos dentro do espaço escolar com eles e outros objetos que agora serviram como botes e caiaques. Atividades de *rafting* foram simuladas e as crianças movimentaram seus corpos para as laterais simulando o balanço das águas (provavelmente inspiradas pelos vídeos sobre a



temática em questão que assistiram no início dos trabalhos), gritavam e caíam para fora de seus botes em algumas ocasiões.



Figura 2. Brincando de rafting.

### 3. Trekking

Para realização da vivência com o *Trekking* o caminho percorrido foi o mesmo das atividades descritas anteriormente, sempre iniciado pela leitura do livro: “Onde está a ovelha verde?”, seguida de



Figura 3. Exploração do fogareiro.

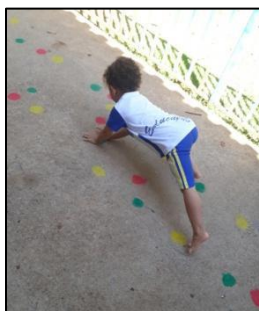
conversa sobre as atividades desenvolvidas pelas ovelhas no livro, bem como retomada da carta escrita pela ovelha verde. Então, partimos para a apresentação de vídeos do *youtube* que pudessem elucidar/apresentar para as crianças sobre o *Trekking*. Durante a exibição diária dos vídeos na semana em que a temática estava sendo trabalhada questionamentos eram feitos às crianças: o que as pessoas estão carregando nas costas? O que será que tem ali dentro? Por onde as pessoas estão passando? O que elas usam nos pés? O que estão fazendo? (sobre montagem da barraca e preparação de refeições).

Na área externa, brincamos de *trekking*. Colocamos as mochilas nas costas e saímos para trilhar. Observamos as árvores por onde passamos, simulamos subidas em montanhas, observamos animais inexistentes e aqueles que pudemos ver como algumas formigas e uma borboleta. O *trekking* terminou com o encontro com outra turma para juntos utilizarmos o equipamento de cozinhar: o fogareiro, ocasião esta em que degustamos *marshmallows*.

Esta foi a AA que identificamos menos interesse e curiosidade por parte das crianças.

### 4. Escalada

Para a apresentação da escalada foram selecionados, inicialmente, vídeos de escalada em montanha que demonstravam grande dificuldade e capacidade técnica dos escaladores. Ao assistirem os vídeos, percebia-se a expressão de preocupação no rosto de algumas crianças. Lorena, como sempre muito expressiva, tampava os olhos quando percebia algum sinal de perigo, quando o escalador ficava de cabeça para baixo ou dava algum salto, por exemplo. Fizeram caretas ao ver as mãos raladas e sangrando de um escalador. O susto mesmo ocorreu quando em um dos vídeos ele caiu, o que por outro lado, foi importante para observarem a corda que o segurava. Os olhos ficavam atentos à tela. Ao longo da semana foram apresentados também vídeos de escalada *in door*, inclusive de crianças praticando. Como nenhuma criança comentou sobre as agarras ou suas cores, esse aspecto foi mostrado a elas.



Depois de dois dias assistindo a vídeos de escalada, foram questionadas se queriam fazer uma escalada. Giovanni, sempre muito reticente, já disse logo de cara que não e demonstrou medo; ficava sempre perto da professora, com medo de ter que escalar, mas tudo mudou quando ele percebeu que a parede de escalada era no chão, desenhada com tinta. As primeiras crianças a “escalar” não se preocupavam em “segurar e pisar” nas agarras (pintadas com tinta guache nas cores amarela, vermelha e verde); elas simplesmente, andavam de quatro o mais rápido que podiam para chegar do outro lado da via. Depois de um tempo experimentando a parede e a professora frisar o uso das agarras e seguir apenas uma cor, algumas o fizeram, demonstrando certa dificuldade em localizar e alcançar a agarras de

mesma cor. Giovanni ficou muito impactado com a atividade e brincou bastante na parede de escalada.

Em outro dia, após assistirmos os vídeos, as crianças foram estimuladas a escalar os pneus do parque. Poucas crianças já haviam se desafiado espontaneamente a subirem nos pneus e a atividade proporcionou um novo interesse; a maioria conseguiu subir no pneu médio e algumas chegaram à metade do pneu grande (de trator). Outro suporte utilizado pelas crianças para escalada foram os paletes; algumas apresentaram dificuldade, apesar dele se assemelhar à escada do escorregador, outras subiram com facilidade, e ultrapassando seus limites para o alambrado que cerca a escola.

## 5. Visita ao Sítio São João - Escola da Floresta

A culminância do trabalho se deu com uma visita a um sítio que recebe escolas e outras entidades para atividades de Educação Ambiental. Teve o intuito de experimentar, na natureza, o *trekking* e o *rafting*. Como eram crianças bem pequenas e considerando os riscos associados, cada criança foi acompanhada por um adulto responsável.

O *trekking* foi realizado em uma trilha em área de mata secundária, com o auxílio das monitoras do sítio. Foi feita uma roda de conversa no início da trilha, coordenada pelas monitoras sobre os cuidados que deveríamos ter, como andar na trilha, prestar atenção onde pisa, não tocar em animais e, após a checagem dos materiais necessários para realização desta atividade de aventura (no caso, mochila e água), iniciamos nossa caminhada. As crianças ficaram encantadas com a paisagem que observavam enquanto caminhavam; as teias de aranha encontradas nas folhas das árvores foram sucesso durante toda a caminhada, superadas apenas pelo surgimento de um lagarto que se alimentava em uma composteira. Árvores, rio, folhas pelo chão, mosquitos, barro e muita disposição compuseram nosso percurso. As mães também estavam muito empolgadas; algumas já relataram ali mesmo que nunca tinham feito nada parecido com os filhos, e nem sozinhas.



Figura SEQ Figura \\* ARABIC 5. Vivência



Figura 6. Vivência de *rafting*.

Terminada a trilha, as crianças se depararam com um bote, capacetes, vários remos e coletes salva vidas que foram colocados no gramado, para que pudessem experimentar e manusear. As crianças rapidamente foram subindo no bote; algumas pulavam, como em um pula-pula. Retomamos os nomes de cada equipamento e para que serviam, questionando e esperando as respostas das crianças. Depois, crianças, familiares, professoras, marido de professora, monitoras e a própria ovelha verde dirigiram-se para a água.

A atividade foi realizada em um trecho curto do Ribeirão Feijão, com profundidade de no máximo 1m; cada criança com o adulto responsável. Um bote e um caiaque *duck*, com as crianças e suas mães, eram empurrados até certo ponto à montante do rio e depois solto para que vivenciassem a experiência. Apenas uma criança apresentou medo durante o contato com a água, mas mesmo assim, estava, como as demais, engajada em participar da atividade e

extrair dela todas as possibilidades. As mães gostaram tanto ou até mais que as crianças; algumas apresentavam certo medo de estar no bote, ou das aranhas que teimavam em subir nele.

## **ALGUMAS REFLEXÕES**

Na experiência vivenciada destacamos diversos aspectos que evidenciam a relevância e os benefícios dessa abordagem para o desenvolvimento integral das crianças. Pudemos perceber motivações e interesses diversos como os citados por Tahara e Carcinelli Filho (2013) como curiosidade e satisfação, emoções individuais e compartilhadas com o grupo, como a percepção de liberdade, o ineditismo na vivência e o controle de riscos. Além disso, como identificado também por Ferreira e Silva (2020), as crianças manifestaram autocontrole, coragem, aumento da autoestima e superação de desafios.

Implementar algumas atividades fora do espaço escolar e vivenciar a natureza mais de perto foi encantador e rico de experiências tanto para as crianças quanto para as mães e para o grupo pois mães e crianças vivenciaram um momento de grupo que antes nunca haviam tido, trocando experiências umas com as outras. No entanto, concordamos com Francisco, Figueiredo e Duek (2020) que a falta de recursos e equipamentos específicos para o desenvolvimento das modalidades não compromete o trabalho com a temática e assim como eles, destacamos que a exibição de vídeos e a adaptação de materiais e espaço escolar são estratégias viáveis.

Acrescentamos que, especialmente na Educação Infantil, o quesito fantasia do real e a ludicidade são especialmente importantes para que as crianças se apropriem do que está sendo apresentado a elas e vivenciem as atividades de aventura. O fato das ações com a temática não se restringirem a alguns momentos específicos e pontuais durante a semana, mas sim, ao longo da manhã e das semanas, foi fundamental, pois as crianças tiveram tempo para vivenciar as propostas e incorporá-las em seu brincar livre, especialmente no parque, onde baldinhos plásticos se transformaram em capacetes, os paletes e pneus em material propício para realização de uma escalada e tatames se transformaram em botes.

Na medida em que a cada atividade de aventura era apresentada e vivenciada, as crianças tomavam contato com o vocabulário específico da prática em questão, bem como da atividade de aventura em si, algo novo para as crianças participantes desta experiência, podendo assim afirmar que o repertório cultural e linguístico destas crianças certamente estava sendo ampliado.

Ao longo do trabalho foi mantido o interesse das crianças por movimentos desafiadores, como subir, escalar, pular e equilibrar-se, demonstrando uma clara afinidade com as práticas de aventura.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A introdução das atividades de aventura proporcionou uma ampliação do repertório cultural e linguístico das crianças, que passaram a conhecer e utilizar o vocabulário específico associado a cada modalidade. O trabalho permitiu uma conexão entre o universo das crianças e as práticas corporais de aventura, destacando a imprevisibilidade, a vertigem e o risco como elementos presentes nas atividades, sem deixar de considerar a adaptação dessas experiências ao contexto escolar. As crianças transitaram bem entre atividades “adaptadas” para o contexto escolar, com os materiais que dispúnhamos na própria instituição, como pneus, palets, caminhas, e os objetos reais das AA como capacetes, *skate*, remo, mochila, fogareiro, sempre com o desejo de experimentar cada um.

A participação ativa das crianças no processo, desde a elaboração de perguntas para a ovelha verde até a vivência direta das atividades, contribuiu para o desenvolvimento de habilidades motoras, cognitivas e socioemocionais. A resposta positiva das crianças diante das atividades, mesmo em situações desafiadoras como a escalada e o equilíbrio no *skate*, demonstra a capacidade intrínseca das crianças em superar obstáculos e se aventurar em novas experiências. Sentir medo, superar e encarar, ou apenas observar as outras crianças foram algumas de suas aprendizagens.

A vivência no sítio, onde as crianças tiveram a oportunidade de experimentar o *“rafting”* e o *“trekking”*, foi um momento crucial para consolidar o aprendizado e incorporar novas experiências: o cheiro da floresta, as folhas no chão, as teias de aranha, o chão molhado, a temperatura da água, a textura do fundo do rio, o balanço do bote. A presença da ovelha verde, familiares e equipe do sítio proporcionou um ambiente seguro e estimulante para que as crianças pudessem experimentar as atividades de aventura de forma mais próxima da realidade. No entanto, a atividade só foi cheia de significados porque as crianças tinham vivenciado as práticas na escola.

Considerando a abordagem pedagógica adotada, é notório que as atividades de aventura na Educação Infantil vão além do simples aprendizado motor, contribuindo para o desenvolvimento integral da criança. A vivência dessas atividades fortalece a autoconfiança, promove a autonomia, estimula a imaginação e fomenta atitudes de cuidado e solidariedade, conforme expresso nos objetivos de aprendizagem propostos. Podemos dizer com isso, que as atividades de aventura na Educação Infantil, podem representar uma valiosa ferramenta para a formação de indivíduos criativos, resilientes e aptos a enfrentar desafios.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Prefeitura Municipal de São Carlos pela disponibilização do ônibus para a visita e ao Flávio, do Sítio São João, que se dispôs a adaptar a visita às nossas necessidades e deu todo o apoio ao trabalho.

## REFERÊNCIAS

ARMBRUST, I.; LAURO, F. A. A. O skate e suas possibilidades educacionais. **Revista Motriz**, v. 16, n. 3, p. 799-807, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/motriz/a/tm7dGTDWxVVj3SMzKcF3Fqg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 19 mar. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

FERREIRA, J. K. S.; SILVA, P. C. da C. Práticas corporais de aventura na natureza na educação infantil: um relato de experiência. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v.18, n.3, p. 157-164, 2020. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoodfisica/article/view/23628/0>. Acesso em 19 mar. 2024.

FRANCISCO, F. B.; FIGUEIREDO, J. de P.; DUEK, V. P. Práticas Corporais de aventura nas dimensões do conteúdo: experiência na Educação Física Infantil. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 16, n. 37, p. 508-524, 2020. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/4755/4717>. Acesso em 19 mar. 2024.





GONÇALVES, J. et al. Atividades de aventura na educação física escolar: uma análise nos periódicos nacionais. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 23, 2020. DOI: 10.5216/rpp.v23.55858. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/55858>. Acesso em: 20 mar. 2024.

PIMENTEL, G. G. de A. Esportes na natureza e atividades de aventura: uma terminologia aporética. **Revista brasileira de ciências do esporte**, Florianópolis, v. 35, n. 3, p. 687-700, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/w4WmkyJMtPrGCYCbmhSkcyP/?lang=pt>. Acesso em 19 mar. 2024.

TAHARA, A. K.; CARNICELLI FILHO, S. A presença das atividades de aventura nas aulas de Educação Física. **Arquivo de Ciências do Esporte**. v.1 n.1 p.60-66. 2013. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/aces/article/view/245>. Acesso em 19 mar. 2024.